

NA TREVA¹

Coelho Neto



[90]² A um solavanco violento, que o atirou d'encontro à parede da camarinha, o homem despertou em sobressalto, sentando-se no leito, aturdido. Que haveria?

O vagão oscilava desabalado e rangia em desconjuntamento, rilhando mordentemente nos trilhos. Por vezes um chiado longo rechinava como esfervedura de ferro em brasa imerso n'água. A luz das lâmpadas vasquejava, ora em amortecimento, quase extinguindo-se, ora acendendo-se em clarão intenso, como olhos que se abrissem em espanto.

E o comboio corria vertiginosamente em velocidade de despenhamento, rebolando aos coleios, atirando-se em voltas bruscas, em rabear frenético.

Ferragens estrepitavam entrebatidas, portas abriam-se como arrombadas, logo fechando-se de choque. O carro tremia como animal cansado.

¹ COELHO NETO, Henrique Maximiano. Na Treva. In.__. *Cidade maravilhosa*. São Paulo: Melhoramentos, s.d. p. 90-4. [1928]

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

O homem afastou a cortina da janela e olhou pela vidraça abrumada a noite, negra como um túnel infindável. Espectros de árvores, entrevistados em relâmpagos, recuavam espavoridos como se o terror se comunicasse à própria natureza. Luzes passavam rápidas.

De repente um silvo estrangulado rompeu angustiosamente prolongando-se pelo silêncio lúgubre. Dir-se-ia um apelo aflito, clamor de socorro bradado desesperadamente [91] às cidades adormecidas, das quais se percebiam as ruas pelas paralelas de luzes; às povoações encostadas às roças, às próprias cabanas e casas de turma, à beira dos caminhos.

Estações passavam num fulgor instantâneo; e a treva adensava-se mais espessa, pingada de lumes amarelentos.

Havia alguma coisa de presságio naquele silvo que repercutia lancinantemente na escuridão. Estrondos surdos, reboos cavernosos, estrépitos metálicos davam impressão de que o expresso corria sobre cascalhada, esmagando, triturando ferros e lapedo. Que haveria?

O homem voltou-se para frente. Duas pernas balançavam-se no ar como de um enforcado, escorregavam, desciam e apareceu um busto arremangado. Era o passageiro do leito superior. Tocando no soalho foi logo comentando a fúria daquela corrida.

– Isto é uma imprudência! Esse maquinista está louco. E, respondendo a alguém, que resmungara, confirmou. É... E no estado em que está a linha, imagine o senhor. É por isso que há tantos desastres. Não se corre assim. É demais. Ainda não consegui dormir.

– Nem eu.

– Ninguém. Estão todos por aí acordados.

A locomotiva bufava.

A ímpetos, com os violentos empuxões d'arranque, o carro chocava-se com os que o incluíam e eram trancos, baques nos para-choques, e um retinir trangular de correntes.

– E não há aqui uma pessoa com quem se fale. Toca-se a campainha, é o mesmo que nada.

– Onde estará o guarda?

– Dormindo por aí.

– É isto. [92]

Vozes sussurravam pelo vagão adiante. Passageiros deixavam os leitos e, encarando-se sarapantados comentavam:

– Onde se viu uma coisa assim!

– Não sei que é isto! Não compreendo.

Senhoras protestavam. Crianças choravam. Um rapazola afoito propôs-se a quebrar o vidro para dar sinal de alarma. Alguns passageiros interpuseram-se:

– Não! Não! Pode se pior. Deixe.

– Que horas serão? perguntaram.

– Quase três.

– Onde estaremos?

– Quem sabe lá!

– Se ainda houvesse aqui alguém que nos dissesse por que vamos assim.

Deve haver alguma coisa.

– Atraso, com certeza.

E, num momento, todos os passageiros, uns de pé no corredor central, outros dos leitos, entraram a conversar com intimidade, aproximando-se instintivamente.

E a velocidade cada vez maior. Os carros abalavam-se e, com o choque, os passageiros desequilibravam-se trambolhando uns sobre outros, agarrando-se à borda dos leitos superiores.

– É demais!

A um sacalão mais ríspido um grito retiniu no vagão alvoroçado e, como em resposta, a locomotiva lançou novo silvo mais estrídulo e trêmulo.

– Vão ver que é algum maquinista novo.

– Ou bêbedo.

– Não duvido.

– Mas não se entrega a um maquinista novo um trem como este. Depois não querem que haja desastres. Para tudo isto ir por aí abaixo basta que um dormente dê de si, e no estado em que eles estão...

– O senhor acha? perguntou uma senhora passando a cabeça por entre as cortinas do leito. [93]

– Mamãe... Mamãe... vem pra cá. Estou com medo... choramingou uma criança.

Tal voz fez passar um arrepio de terror em todos como se partisse de um oráculo. Era a inocência que pressentia o perigo. Calaram-se estarrecidamente e na pausa profunda ficou resoando, soturno, o rumor da corrida trágica.

Um homem gordo, de óculos, lançou-se do leito indignado e, descalço, com os suspensórios caídos, a camisa a espocar das calças, foi direito à porta. Abriu-a. Uma rajada de vento enfumaçado invadiu o carro: as luzes tremeram. O homem recuou aturdido, tombou de encontro a um leito. A porta bateu d'estalo.

– Isto é um desaforo! Um trem de passageiros, cheio de senhoras e crianças, entregue a um louco. Pois esse homem não vê que nos está levando para a morte?!

Uma mocinha surgiu de um dos beliches, pôs-se de pé entre os homens, atordoada, chorando, a olhar para um, para outro, retorcendo as mãos. Do leito superior falaram-lhe:

– Deita-te. Não fiques de pé que podes cair e machucar-te. Deita-te. Assim como assim tanto vale ficares na cama como aí. Se tiver de acontecer alguma coisa, que Deus tal não permita... Deita-te. Há de ser o que Deus quiser.

– Deus é brasileiro, gracejou alguém. Eu é que me não levanto. Deitado estou pronto para o que der e vier. A viagem para o outro mundo faz-se a pés juntos.

A mocinha rompeu em pranto, remergulhando no leito, e um dos passageiros, que se voltara para o beliche de onde partira o comentário trocista, rosou:

– Tolo!

Extinguiram-se, de repente, as luzes; um grito repercutiu: **[94]**

– Misericórdia!

.....

Sob o amontoado de carros a locomotiva agonizava esvaindo-se em esguichos de vapor e dos destroços do comboio, e da treva em volta partiam brados, gemidos, gritos lancinantes, vozes confusas e sombras atropelavam-se clamando espavoridas.

O céu começa a encardir-se nas barras da madrugada.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga
Preparação: Malu Schocair
Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras



Tênebra

tenebra.org